

4 Yoo Paulo

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

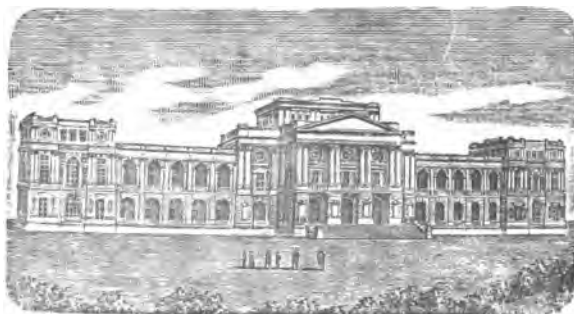
PUBLICADA

POR

H. von IHERING, Dr. med. et phil.

Director do Museu Paulista, socio honorario da Sociedade Anthropologica Italiana, da Academia de Sciencias em Cordoba, da Sociedade Geographica de Bremen, da Sociedade Anthropologica de Berlim, da Academia de Sciencias de Philadelphia, da Sociedade de Naturalistas de Moscow, da Sociedade Entomologica de Berlim, da Sociedade Scientifica do Chile, da Sociedade Senckenberg dos Naturalistas de Frankfurt, a. M., da Sociedade Scientifica Argentina, da Sociedade Zoologica de Londres, da União Ornithologica de Londres, da União dos Ornithologos Americanos, da Sociedade Nacional de Agricultura, do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Instituto Geographico e Historico da Bahia, etc.

VOLUME VI



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO OFFICIAL»

1904

O primeiro escriptor que com certa minudencia tratava dos Guayanãs era Gabriel Soares (1).

«Já fica dito como os Tamoyos são fronteiros de outro gentio, que se chamam os Goayanas, os quaes tem sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e dahi até o rio de Cananéa, onde ficam visinhando com outra casta de gentios, que se chama os Carijós. Estes Guanazes tem continuamente guerra com os Tamoyos de uma banda e com os Carijós da outra, e matam-se uns aos outros cruelmente; não são os Goaynazes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facilimos de creer em qualquer cousa. E' gente de pouco trabalho, muito mollar, não usam entre si lavoura, vivem de caça que matam e peixe que tomam nos rios e das fructas silvestres que o matto dá; são grandes flexeiros e inimigos da carne humana. Não matam aos que captivam, mas acceitam-nos por seus escravos; se encntram com gente branca, não fazem nenhum damno, antes boa companhia, e quem acerta de ter algum escravo Goayaná não espera d'elle nenhum serviço, porque é gente folgasa de natureza e não sabe trabalhar. Não costuma este gentio fazer guerra a seus contrarios fóra dcs seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelear entre o matto, senão no campo, aonde vivem, e se defendem com seus arcos e flechas dos Tamoyos, quando lhe vem fazer guerra, com quem pelem no campo mui valentemente e ás flexadas, as quaes sabem empregar tão bem como os seus contrarios. Não vive este gentio em aldêas com casas arrumadas, como os Tamoyos, seus visinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão, onde tem fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam. A linguagem deste gentio é diferente da de seus visinhos, mas entendem-se com os Carijós; são na côr e proporção do corpo como os Ta-

(1) Gabriel Soares de Souza. Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Rev. Inst. Hist. e Geogr. do Brazil Tomo XIV. Rio de Janeiro 1899 p. 1—382.

moyos, e têm muitas gentildades, como o mais gentio da costa.»

Os Drs. Theodoro Sampaio (1) e O. A. Derby são também da opinião acima exposta sobre o parentesco dos Guayanãs com os Tupis e do mesmo modo se exprimiu o Dr. João Mendes de Almeida (2). Não se pôde negar que ha certas razões que favore em este modo de pensar.

Sabemos que, em geral, os Tupis e Guaranis viviam em inimizade e continuas guerras com as tribus que não pertenciam á sua raça. Desde o Rio de Janeiro até Santa Catharina, porém, viviam os Guayanãs em amizade e boa camaradagem com os Portuguezes e em parte com os indigenas relacionados, tendo sido os que com mais facilidade se submeteram ao dominio dos portuguezes e á cathechese dos Jesuitas.

Sabemos mais que elles se entendiam com facilidade com os Carijós

Analysando, entretanto, estes factos é preciso confessar que entre elles nenhum se encontra de character decisivo.

Os Guaranyes do Rio Verde que ás vezes apparecem nesta Capital fallam regularmente a lingua portugueza e substituiram seus antigos usos e vestimentas pelos dos luzobrazileiros, accetando também os seus nomes de familia.

Deduzir deste facto o parentesco das linguas Guaraní e Portugueza seria o mesmo que concluir que os idiomas guayanã e carijó sejam mais ou menos identicos. Uma vez que os guayanãs sujeitavam-se aos invasores, naturalmente deviam aprender a lingua geral da qual aliás já devem ter tido algum conhecimento, pelas suas relações com os carijós. Isto era tanto mais facil quando já Gabriel Soares delles dizia que era gentio pouco perigoso e facil de contentar.

(1) Theodoro Sampaio. Qual a verdadeira graphia do nome Guayanã? Goyanã ou Guaynã. Rev. Inst. Hist. São Paulo. Vol. II. 1896—1897. São Paulo 1898 p. 27—34.

(2) João Mendes de Almeida. Algumas notas genealogicas. São Paulo 1886. p. 321—333.

Sobre a antiga existencia dos Guayanãs em S. Paulo estamos informados por numerosos escriptores que não deixam duvidas de que representavam um dos elementos ethnographicos mais importantes na antiga população deste Estado. Assim diz P. Taques de A. Paes Leme (1) na sua Historia da Capitania de S. Vicente que este territorio era occupado em 1531 pelos indios gentios Carijós, Guayanãs e Tamoyos. Em geral todos os antigos escriptores fazem entender que a lingua fallada pelos Guayanãs era differente da dos Tupis.

Neste sentido compare o leitor as informações dadas por Antonio Knivet (2).

No mesmo sentido exprime-se tambem Gabriel Soares (l. c. p. 90). Existe no respectivo capitulo um trecho que deu lugar a diversas e, em parte, erroneas interpretações é a phrase que os Guayanãs se entendem com os Carijós, embora sua linguagem seja differente.

É possível interpretar este trecho de modo que a lingua dos Guayanãs representa apenas um dialecto da lingua geral. Esta interpretação entretanto deixaria fóra de consideração os indubitaveis conhecimentos ethnographicos do auctor que soube perfeitamente que uma lingua que era entendida pelos Carijós tambem o devia ser pelos Tupinambás e outras tribus da nação Tupi. Neste sentido é instructiva tambem a explicação (l. c. p. 93) em que o auctor distingue os Carijós dos seus vizinhos Tapuias.

Não podemos duvidar por esta razão que o sentido da phrase citada é outro, referindo-se apenas a certas relações amigaveis, embora temporarias, entre os Guayanãs e os Carijós. Ainda hoje no littoral entre S. Vicente e Iguape coexistem os descendentes das duas tribus mencionadas sob os nomes de Cuaranis e Camés,

(1) Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Historia da Capitania de S. Vicente desde a sua fundação por Martim Affonso de Souza em 1531. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brazil. Tomo IX. Rio de Janeiro 1869. p. 144.

(2) Antonio Knivet. Narração da viagem nos annos 1591 e ao Mar do Sul. Rev. Inst. Hist. Rio de Janeiro Vol. XLI 1878 p. 211, 223 e 246.

e de certo já em tempos remotos seus antepassados entretinham boas relações. A prova disto já é dada pelo facto de que tribu alguma do grupo Caingang assimilou á sua lingua tão grande numero de palavras guaranis do que a dos Camés, facto este já apontado por Martius.

Uma prova evidente em favor desta minha exposição é dada pelas informações do padre Manoel da Nobrega (1) que tratando dos indigenas de S. Paulo menciona de um lado os Guayanãs e Carijós e de outro lado os Tupinaquis e Tupinambás. Chamando os Carijós o melhor gentio desta costa, diz apenas o mesmo que Gabriel Soares e outros relatam com referencia aos Guayanãs.

Seja mencionada ainda outra prova da differença linguistica dos Guayanãs e dos Tupis. Na Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro vol. LVII, 1894 p. 185 ss. foi publicado um antigo manuscripto anonymo sobre os indios do Brazil, escripto por um padre da Companhia de Jesus no anno de 1584, como consta por um trecho (l. c. p. 206). O autor, do mesmo modo como Gabriel Soares, distingue as nações do grupo Tupi, que, «todos tem a mesma lingua» dos Tapuias, entre os quaes menciona (l. c. p. 209) os Guayanãs do sertão da Bahia. Assim as fontes mais antigas e mais fidedignas da Ethnographia brazileira não deixam duvidas sobre a differença linguistica dos Guayanãs e das tribus Tupis.

Outro ponto que necessita de esclarecimento é a diversidade das varias tribus que faziam parte da nação Guayanã. Sabemos que esta grande nação tapuia era representada não só no Brazil meridional, mas tambem no Rio de Janeiro e no sertão da Bahia. Não ha razão para duvidar que neste vasto territorio elles se apresentassem com aspecto diverso segundo seus costumes e seu character, como da mesma maneira tambem consta para as tribus do grupo Tupi. Destaca-se entre elles a tribu do littoral meridional de S. Paulo e que de preferencia vivia em campos e á qual se refere a de-

(1) Padre Nobrega. Informação das terras do Brazil. Rev. Inst. Hist. e Geogr. do Rio de Janeiro Vol. VI 1865 p. 91-94.

scrição de Gabriel Soares. «E' este um gentio manso e docil sem falsidade que com facilidade se sujeitara aos Portuguezes.» Parece-me fôra de duvida de que são descendentes dos mesmos os Camês da zona de Itanhaem, cujo nome na lingua Caingang significa medroso, covarde. Pertenceu ao grupo dos Guayanãs dos Campos de Piratininga a tribu Ururay, da qual trata João Mendes de Almeida (l. c. p. 333). Sejam aqui mencionados tambem como Guayanãs dos campos os Guarús ou Guarulhos dos quaes ainda tratarei mais adiante.

Em pleno contraste com este grupo, (1) vivendo de preferencia em terreno de campos, acham-se os Guayanãs do matto. E' a estes que se refere Anchieta dizendo que o cacique Cay-Obig casou com uma Guayanã, das do matto, como tambem aos mesmos se referem as narrações de Hans Staden (2), segundo o qual estes, «Wayganna» não tem habitações fixas, estando em guerra com todas as outras nações, devorando aos inimigos que apanham. Deixando de parte a affirmação de Staden que os Guayanãs devorassem aos inimigos no que evidentemente houve engano por parte do autor, estas contradicções apparentes nada tem de surprehendente, visto estarem em pleno accordo com o que se nota ainda hoje em seus descendentes. Ao passo que a tribu dos Camês sempre conservou-se pacifica e mansa e no Rio Grandê do Sul os Coroados com regular successo se prestaram para o aldeamento, continuaram outros grupos dos Guayanãs ou Caigangs no seu primitivo estado selvagem. Assim é que o Coronel José Joaquim Machado de Oliveira (3), transcreve um officio do Barão de Antonina

(1) José Anchieta. Informação dos casamentos dos Indios do Brazil. Rev. Inst. Hist. do Rio de Janeiro Tomo VIII (2a. cd.) 1867 p. 225.

(2) Hans Staden. Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brazil. Edição commemorativa do 40 centenario S. Paulo 1900 p. 123 ss. tambem a mesma obra Rev. Inst. Hist. do Rio de Janeiro Vol. LV 1892 p. 267 ss.

(3) Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira. Noticia raciocinada sobre as aldeas de indios da Provincia de S. Paulo, desde o seu começo até a actualidade Rev. do Hist. e Geogr. Journ. do Inst. Hist. Brasileiro Tom. VIII Rio de Janeiro 1867 p. 203-254.

de 1843, queixando-se dos Guayanãs do municipio de tapéva, «que, por sua ferocidade e continuos actos de barbaridade que praticavam não só com os moradores, como com os que transitavam por esta estrada, tornaram-se formidaveis e temidos.»

Reconhecendo difficil de resolver esta questão, só com o auxilio das informações insufficientes dos antigos escriptores, procurei arranjar outros argumentos mais decisivos, o que consegui pelo estudo de vocabularios tanto dos Guayanãs de S. Paulo como dos do alto Paraná na Republica Argentina

Dos Guayanãs antigos do seculo XVI não temos vocabularios, mas sim de seus descendentes.

Nos annos de 1840-1850 dois illustres viajantes visitaram os Guayanãs domiciliados no sudoeste do Estado na região de Faxina e Itapéva: T. A. de Varnhagen (1) e Auguste de Saint Hilaire (2).

O primeiro publicou o resultado de sua excursão ao sertão na Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro. Infelizmente o vocabulario dos Guayanãs que devia ornar este artigo extraviou-se;

Saint-Hilaire publicou o seu referente aos Guayanãs de Itapéva na sua «Voyage» l. c. Tome I, 1851 p. 456.

A respeito deste vocabulario é preciso dizer que o auctor escreve o nome da tribu «Guanhanans», de accordo com a orthographia francesa. No mais elle ajunta á maior parte das palavras o suffixo --ve—. Deste modo em vez de olho-cane - escreve caneve, e até mesmo a palavra onomatopaica designando o cão é provido deste suffixo, de sorte que escreve—fogfogve—.

Acredito que este suffixo que não se encontra em outros vocabularios quasi identicos representa apenas uma particularidade do individuo examinado. Este vo-

(1) F. A. de Varnhagen, *Ethnographia indigena*. Rev. Inst. Hist. do Rio de Janeiro, vol. XII, 1874 (2.^a ed.) pag. 366-376.

(2) M. Auguste de Saint Hilaire, Vol. 3. *Voyage dans les Provinces de Saint Paul et de Saint-Catherine*, vol. I e II, Paris 1857.

cabulario combina perfeitamente com todos os outros que conheço dos Caingangs, ou Coroados do Brazil meridional, provando que os Guayanãs de S. Paulo são apenas uma tribu desta mencionada raça.

Já Saint-Hilaire (l. c. I, pag. 455) observa que os Caingangs antigamente eram denominados Guayanãs no Estado do Paraná. Diz que o velho paulista Fernando Diaz Paes antes de descobrir Minas percorreu o sertão do Rio Tibagy, onde tomou prisioneiros a indios que denominava Guayanazes, referindo-se neste sentido á publicação de Balthazar da Silva Lisboa, Annaes de Rio de Janeiro II pag. 280.

Outro vocabulario dos «Coroados» da Valle do Paranapanema publicou o general Ewerton Quadros (1) (l. c. p. 256-259).

Não conheço outro vocabulario dos Guayanãs, ou dos Caingangs de S. Paulo, a excepção do dos Camés, publicado por von Martius. (2) Como já o autor o notára, este vocabulario contem varias palavras, acceitas do outros idiomas, especialmente do Guarani.

Dos Camés conservam-se diversos grupos na zona do littoral no Estado de S. Paulo e que tivemos o prazer de vêr em 1900, em S. Vicente, tomando parte nos festejos do 4.º centenario da descoberta do Brazil. Aos Caingangs do Rio Grande do Sul refere-se o vocabulario publicado por R. Hensel. (3) Os outros vocabularios parecem referir-se todos ao Estado do Paraná e especialmente ao aldeamento de Guarapuava. São as seguintes: Alfr. d'Escragnolle Tannay. Os Indios Caingangs (Coroados de Guarapuava) Revista do Instituto Historico, vol. LI Suppl. Rio de Janeiro 1888 p. 251-311, com vocabulario p. 285-311

(1) Francisco Raymundo Ewerton Quadros. Memoria sobre os trabalhos da commissão da linha telegraphica de Uberaba a Cuyabá. Rev. Inst. Hist. do Rio de Janeiro, vol. LV, pag. 233 ss.

(2) C. F. Phil von Martius. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens. Tomo II, Zur Sprachenkunde. Leipzig 1867, p. 212-214.

(3) R. Hensel, Die Coroados der bras. Provinz Rio Grande do Sul. Zeitschrift für Ethnologie Bd. I 1869. p. 124-135.

Telemaco Morocines Borba. Breve noticia sobre os Indios Caingangs acompanhada de um pequeno vocabulario da lingua dos mesmos indigenas e da dos Cayguás e Chavantes. Rev. da Secc. da Soc. de Geogr. de Lisboa no Brazil. Tomo II, Rio de Janeiro 1883 p. 20-36, com vocabulario Caingang p. 28-32.

August Saint-Hilaire. Vocabulaire des Coroados de Guarapuava. Voyage dans les Provinces de Saint-Paul etc. Vol. II, 1851, pag. 142 ss.

Anonymo. Vocabulario da Lingua Bugre. Rev. Inst. Hist. do Rio de Janeiro, Vol. XV 1888, p. 60-75, que infelizmente nem dá a indicação da tribo de que provem nem da respectiva localidade. E' ao meu ver o melhor d'entre todos, tendo o seu auctor não se limitado sómente á parte lexicographica mas procurado tambem entrar na composição grammatical do idioma. Infelizmente este dictionario é incompleto, faltando-lhe muitas das palavras mais necessarias ou mais recommendaveis para fins de comparação. Supponho que este dictionario se refira aos Caingangs de Guarapuava visto a sua perfeita concordancia com o de Tournay, ao passo que differe mais um pouco dos de Saint-Hilaire e Hensel. Quanto a este ultimo auctor acredito que a differença entre as palavras por elle indicadas e as dos demais auctores provem mais da falta de pratica do viajante do que de uma differença dialectica.

Assim, por exemplo, Hensel indica como a denominação de agua «ngoin-ngoin», ao passo que todos outros vocabularios dão «goio».

Sei, entretanto, que no Rio Grande do Sul a denominação indigena do Rio Uruguay é «goio-en» de sorte que evidentemente Hensel não soube bem reproduzir o que ouviu.

Aos Caingangs de S. Pedro, no territorio de Misiones, Republica Argentina, refere-se o vocabulario de Juan B. Am. rosetti. (1)

(1) Juan B. Ambrosetti. Los Indios Kaingangues de San Pedro (Misiones) Rev. Jardim Zoologico, Tomo II, Buenos Aires 1895, p. 354-383.

Em appendice o mesmo auctor publica (á pg. 384-387) um vocabulario Caingang do Pikiry (ao norte de Guayra) reunido pelo Tenente Edmundo Barros do Exercito Brasileiro.

Sobre os actuaes Guayanãs viventes no alto Paraná, Republica Argentina, obtive o artigo que em seguida vem publicado, ficando eu muito agradecido ao seu illustre auctor pela gentileza com que correspondeu ao meu pedido. Estou de pleno accôrdo com o Snr. Benigno F. Martinez a respeito da concordancia deste vocabulario com o dos Ingain, do Alto Paraná, Estado do Paraná, publicado por Ambrosetti (1) pg. 338 ss.

Comparando, entretanto, estes vocabularios dos Guayanãs do Alto Paraná e dos Ingains com os dos Guayanãs de S. Paulo e dos Caingangs, nota-se uma differença radical. Em geral todas as palavras são differentes.

A palavra para agua, por exemplo, é—«cran» em vez de «goio» entre os Caingangs. O nome do sol é, segundo Ambrosetti, entre os Caingangs, «arán» e «ará» ou «ran» entre os Ingains. A palavra fogo é «pin» entre os Caingangues e «upai» entre os Guayanãs, segundo Martinez, «pein» ou «pen» entre os Ingains. O nome do macaco é «quinherè» entre os Guayanãs, segundo Martinez, «nhara» ou «nhere» entre os Ingains, e «cayerem» ou «canheré» entre Caingangs. Seja mencionado nesta occasião que a palavra para homem, entre os Caingangs é «caia».

Lembro aqui o facto de ser o nome do macaco na lingua tupi «cai» ou «caia» e não «çai». Outra analogia entre estas duas linguas é dada pela palavra «mang» da lingua Caingang, significando—abelha—que ocorre no mesmo sentido na lingua guarani, onde aliás já temos as palavras «tub» e «ira» para significar abelha e mel. Acho pois, possivel que as palavras guaranis compostas de «mang» ou «mand», significando abelhas, se-

(1) Juan B. Ambrosetti. Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingangue (Alto Paraná) Bol. de la Acad. Nac. de Cienc. de Cordoba, Tomo XIV, p. 331 ss. Buenos Aires 1896.

jam provenientes da lingua caingang. Não seria para estranhar se os caingangs, que certo numero de palavras acceitaram do idioma guarani, transmittissem tambem algumas palavras á lingua destes seus visinhos.

Da precedente exposição fica evidente que os Guayanãs de S. Paulo são linguisticamente identicos ou intimamente alliados aos Caingangs, ao passo que os Guayanãs do alto Paraná, bem como os Ingaimis fallam um idioma bastante differente, que, entretanto, apresenta relações pronunciadas de parentesco com a lingua dos Caingangs.

A razão porque deste modo tribus differentes de indigenas são tratadas de Guayanãs é dada apenas pelo facto de ambas fallarem uma lingua differente da dos Guaranis.

Como prova menciono um manuscripto do anno de 1612 publicado por Gay (1); onde se lê com referencia á Lagôa dos Patos: «Em suas margens estão estabelecidos mais de vinte mil indios guaranis que naquella terra chamam Arachânes... porque trazem os cabellos alçados, encrespados para cima. E' gente corpulenta e bem parecida, que tem frequentemente guerra com os Charruas do Rio da Prata e com outros indios que moram no interior chamados guayanãs, se bem que este nome se dá a todos os indios que não são Guaranis e que não têm nome proprio.» O nome Guayanã é explicado por von Martius (2) (l. c. p. 298) como significando «gente honrada e nobre», accrescentando, entretanto o auctor que Góya significa em varios dialectos tupis «um campo», derivando-se talvez desta palavra o nome de Guayanãs.

João Mendes de Almeida diz (l. c. p. 293): «O nome exacto é *goiá-ná* isto é *proximos* ou parentes dos *goiá*. Os *goiá* eram tribus procedentes do archipelago de Bahama ou, melhor, Antilhas; e perseguidos

(1) Conego João Pedro Gay. Historia da Republica Jesuitica do Paraguay. Rev. Inst. Hist. Rio de Janeiro, Tom. XXVI 1863 p. 430.

(2) C. F. Th. von Martius—Zur Ethnographie Amerikas Zumal Brasiliens. Leipzig 1867 p. 298.

pelos *caribs*. As que cruzaram com *tupis* denominaram-se *goiá-nã*; que por isso eram também *tupinã-ki*.

Um estudo especial dedicou á graphia desta palavra Th. Sampaio, que (l. c. p. 31) liga muita attenção á graphia do competente padre José de Anchieta e que é Guayanã. «Essa é de facto, diz elle, a graphia verdadeira, *Guayanã* e não *Guayanã* nem *Goyaná* se deverá escrever porque além do valiosissimo, e para nós decisivo testemunho de Anchieta, attende-se á applicação do vocabulo cuja traducção é:—manso devéras, bonachão, pacifico, moleirão. Nos dictionarios Guaranys ou Tupys de Montoya, de Ferreira França e outros se encontra o vocabulo *goaya* ou *aya* com a significação de manso, pacifico, brando, bom. Neste sentido se vê empregado nas palavras *iririaya*, ostra boa; *taiacu goaya*, porco manso, *comandocaia* por *eomandáguaiá*, feijão bom, comestivel; *ilatyaya*, fonte ou agua da pedra saudavel; *araguaya* papagaio ou arara mansa; *waya* por *yuwa aya*, fructa branda, molle.

A particula final *nã* com a significação de certamente, na verdade, devéras, com effeito é o modo de formar um augmentativo. Assim, se vê: de *Parã*, rio, *Paraná* rio devéras ou rio grande, ou o mar; de *Tupy*, *Tupinã* os verdadeiros Tupys, os Tupys grandes!

Confesso que todas estas etymologias me parecem duvidosas:

Insisto no que já disse nesta Revista Vol. I., p. 111, que a particula «Guaya» ou «Goia» não é encontrada só no nome dos Guayanãs, mas também naquelle dos Guayaquis. Guaycurús, Goiatacaz, etc., necessitando uma explicação uniforme que não vejo dada e que debalde procurei obter pelos dictionarios da lingua Tupi.

Talvez a raiz goia provem das linguas Tapuyas. Deixando indeciso este ponto lembro aqui ainda um artigo do Dr. F. Lahille (1) que participa uma carta do Sr. General Frey na qual este chama a attenção para analogias

(1) Dr. F. Lahille. Guayaquis y Anamitas. Revista del Museo de la Plata. Tomo VIII p. 453 ss.

do Guayaquí com a lingua anamítica e outras, assumpto no qual não tenho competencia.

Como se verifica são bastante divergentes as opiniões sobre o assumpto não faltando até uma nota comica. O General Couto de Magalhães na 7.^a conferencia para o Tricentenario de Anchieta (São Paulo, 1897) diz á pag. 13, que Martius chama os Guayanás, á pag. 768 de sua Ethnographia, « die Gelehrten » isto é os Sabios. Ha nisto um engano. A' pagina 172 diz Martius que Guayanã quer dizer um povo honrado (geehrtes), de modo que se trata apenas de um qui-pro-quo nas palavras geehrt (honrado) e gelehrt (sabio).

Do mesmo modo como o exame linguistico tambem o ethnographico nos confirma na ideia de que os Guayanás de Piratininga não pertenciam á raça «tupi-guarani».

Ligo muito valor ao facto de que elles não dormiam em rêdes mas faziam o seu leito no chão da cabana, que ás vezes era substituida por uma cova no solo.

Já von Martius (l. c. pg. 299) salientou este facto. E tudo que pelos diversos escriptores sabemos sobre os Caingangs do Brazil meridional, confirma esta observação. Outra particularidade destes povos consiste na sua arte do tecer, pois que fabricavam pannos grossos «curú» das fibras da ortiga bráva ou da caraguatã.

Os Tupis ao contrario souberam apenas fabricar rêdes mas não tecidos ou pannos.

Os Guayanás do alto Paraná dos quaes trata Benigno Martinez differem dos Guayanás de S. Paulo, não só pelo seu idioma mas tambem por importantes caracteres ethnologicos, assumpto que mais minuciosamente tratarei em seguida.

Quanto afinal aos caracteres de anthropologia phísica, chamo aqui a attenção ao meu artigo sobre o homem prehistorico do Brazil (1) em que demonstrei que desde os tempos mais remotos no Brazil meridional coexistiam dois elementos differentes : um, de craneo bra-

(1) Dr. H. von Ihering. El Hombre prehistorico del Brazil. Historia. Tomo I. Buenos Aires. 1903. p. 161 ss.

chycephalo, predominante nos sambaquis e de raça Tupi-Guarani, e outro, de craneo mesocephalo ou dolichocephalo, correspondendo á raça Caingang.

Esta ultima conclusão está confirmada tambem pelas observações de Lista sobre o craneo dos Guayanãs.

Admittindo com von Martius que os Caingangs e Guayanãs representem um grupo dos povos Gês, verificamos que existe notavel differença entre os Guayanãs e Ingaimis do alto Paraná e os Guayanãs de São Paulo, que são intimamente ligados aos Caingangs.

Resulta, pois, deste nosso estudo que os Guayanãs de Piratininga e os que no oeste do Estado foram examinados no seculo passado por Varnhagen e St. Hilaire pertencem ao mesmo povo de Caingangs, e que os Guayanãs do alto Paraná são representantes de um outro ramo dos Gês que no seu idioma e nos seus caracteres ethnographicos differem algum tanto dos Guayanãs de S. Paulo.

Grande embaraço forma para este estudo não só a escassez de informações aproveitaveis nas publicações antigas, mas tambem as contradicções que muitas vezes entre as mesmas se notam. E' por esta razão necessario proceder com certa critica.

Assim, sabemos tanto pelos escriptores do seculo XVI como pelos do seculo XIX que os Guayanãs e Caingangs, de S. Paulo não usam de rêdes, dormindo em leitos construidos no solo da choupana. Só Knivet (1) falla em rêdes usadas pelos Guayanãs do Rio de Janeiro. Podemos imaginar que os Guayanãs tivessem accedido certos costumes dos povos tupis entre os quaes viviam, mas esta hypothese seria em opposição com tudo que de notícias exactas possuímos. Mais provavel nessas condições será que Knivet se enganou, o que aliás é admissivel suppor quando se trata de um escriptor que é o mais mentiroso entre todos que tem escripto sobre o Brazil. E' só Knivet, quem descobriu serras cobertas de

(1) Antonio Knivet. Narração da viagem nos annos de 1591 e ss. ao mar do sul. Rev. Inst. Hist. Rio de Janeiro Tom. XLI 1878 p. 211

gelo (l. c. p. 240) no sertão do Brazil, e foi elle tambem o unico que tem por dias viajado num rio subterraneo sem encontrar outra difficuldade senão a do encontro fatal na sahida do dito rio com indigenas bravios, que a todos comeram á excepção de Knivet que nos relatou esta historia.

As contradicções mencionadas as vezes são só apparentes. Isto refere-se especialmente ás informações relativas ao caracter dos Guayanãs, tratando-os uns de doceis e mansos, outros de bravios e traiçoeiros. Lembro aqui o facto por mim relatado nesta Revista vol. I, p. 41, referentes aos Caingangs do Rio Grande do Sul que, não obstante serem aldêados e catechisados, em 1880 assaltaram um grupo pacifico de Guaranis, assassinando a todos em uma noite.

Este facto tem profundamente modificado a opinião formada sobre o caracter destes indios e occorrencias analogas naturalmente devem ter-se dado tambem em epocas anteriores. Além disto sabemos que os Guayanãs e Caingangs se compozeram de não pequeno numero de tribus. Assim, sabemos que entre os Gaingangs do Paraná se distinguem as hordas dos Camés Votorões, Dorins, Xocrens e Tavens.

Compare-se neste sentido o artigo do Padre Francisco das Chagas Lima, « Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava ». Rev. do Inst. Hist. Geogr. do Rio de Janeiro vol. IV, 1863 p. 43 e v.

Não preciso observar aqui que o autor se enganou acreditando o idioma desses povos Caingangs apenas um dialecto corrompido do Guarany.

O nome dos Xocrens é escripto Socré por Saint-Hilaire (l. c. II p. 302.) e Sokleng por Ehrenreich (l. c. p. 116). Estando muito atrazado o conhecimento linguistico dos dialectos Caingangs não me foi possivel averiguar a ethymologia das denominações das diversas tribus, á excepção do nome dos Camés. O nome Caingang é explicado no dictionario anonymo da lingua bugre (l. c. p. 68.) como significando « gente do matto », sendo « gang » gente. Observo entretanto que o nome

de matto é segundo o mesmo vocabulario «vaiquen», restando assim duvidosa a ethymologia.

Sabemos tambem que os Guayanãs de Piratininga do mesmo modo se compuzeram de diversæs tribus. Na «Memoria das aldeias de indios da Provincia do Rio de Janeiro» (Rev. Inst. Hist. Geogr. Rio de Janeiro, vol. XVII, 1894, reeditado de 1854, p. 71 e ss.) Joaquim N. de Souza e Silva diz, á pagina 87, dos Guarulhos da Serra dos Orgams: «segundo o sr. Machado de Oliveira, este nome designa uma das principaes tribus feudatarias, cujo complexo formava a poderosa nação dos Guayanazes que por muito tempo dominou a Provincia de S. Paulo antes da aggressão dos invasores. Estes Guarulhos viviam tambem em S. Paulo, onde com elles foi fundada a aldeia dos Guarulhos ao n.e. da Capital, hoje freguezia da Conceição dos Guarulhos. (1)

Observo aqui que no Estado do Rio de Janeiro existe outra povoação denominada «dos Guarulhos» (Santo Antonio) que segundo Joaquim Norberto de Souza Silva era antiga aldeia dos indios Guarús.

O nome primitivo desta tribu não seria pois Guarulhos mas Guarús.

Tomando em consideração estes factos de que já os antigos escriptores' distinguiram dos Guayanãs dos campos os do matto, não podemos duvidar que entre estas diversas tribus e hordas existiam differenças notaveis tanto no seu character como nos seus costumes.

Ha, entretanto, traços geraes referentes não só aos actuaes representantes dos Guayanã-Caingangs, mas tambem aos seus antigos antecessores, como o são: O character relativamente manso e docil, o bom tratamento dos presos, que em geral não eram devorados, a arte de tecer pannos, o costume de dormir em leito feito no chão e o enterramento dos defuntos não em urnas mas na terra.

(1) Compare-se a noticia raciocinada sobre as aldeias de indios da Provincia de S. Paulo pelo Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira. Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro Tomo VIII 1846. seg. ed. 1867 p. 227.

Reunindo a estes caracteres a lingua commum, mais ou menos identica a dos actuaes Caingangs, temos um quadro ethnographico bastante preciso que nos permite reconhecer o parentesco ethnologico dos Guayanãs e das tribus alladas.

Brinton (1) (l. c. p. 235) refere-se aos Guayanãs do Uruguay, incluindo-as na familia dos Tupis, querendo tratar evidentemente dos que vivem entre os rios Uruguay e Paraná. Se effectivamente alli existe uma tribu da familia Tupi, denominada Guayanã, o caso é analogo ao que participei nesta revista vol. I, p. 114, segundo o qual os Caingangs do valle do Paranapanema são denominados «Tupis» pelos Cayuás.

Parece que cabe a d'Orbigy a responsabilidade de ter collocado erroneamente entre os Tupis estes Guayanãs ou Gualaches, sobre os quaes se acham informações minuciosas nos livros de Prichard (2) e Waitz (3).

Os dados mais fidedignos são os que nos deu Felix de Azara. (4)

Diz elle que não se deve confundir os Guayanãs com diversas hordas de Guaranis bravos, aos quaes os habitantes do Paraguay dão o mesmo nome de Guayanãs.

Esta denominação erronea é provavelmente a razão do engano, commettido por Brinton e Ehrenreich que nos seus mappas ethnographicos indicam Guayanãs como habitantes do Paraguay ao sul e leste de Asuncion.

Não achei informação fidedigna sobre a occorrença dos Guayanãs no territorio do Paraguay e insisto

(1) Daniel G. Brinton. *The American Race*. Philadelphia 1901. Daniel G. Brinton. *The linguistic Cartography of the Chaco Region*. *Proceedings of the Amer. Philos. Society*. Vol. XXXVII. Philadelphia 1898 p. 10.

(2) J. C. Prichard. *Naturgeschichte des Menschengeschlchs*. Vol. III. Leipzig 1848. p. 555.

(3) Theodor Waitz. *Anthropologie der Naturvölker*. Vol. III Leipzig 1862 p. 409.

(4) Felix de Azara. *Voyages dans l'Amerique meridionale* trad. por C. A. Walckenaer. Tome II. Paris 1809. p. 76.

em corrigir o engano dos autores mencionados que incluem os Guayanãs na familia Tupi em vez de na dos Gês. Segundo Azara os Guayanãs habitam os mattos entre o rio Uruguay desde o arroio Guairay até ao rio Paraná na região da povoação del Corpus. A sua lingua é-lhes peculiar, differente da de todos os outros, dos quaes tambem se distinguem pela côr mais clara da pelle. São pacificos e bondosos para com os estrangeiros, tem bastante medo de nadar e passar grandes rios. Esta descripção, dada por Azara, excellente conhecedor do Paraguay e da lingua Guarani combina perfeitamente com os resultados obtidos neste estudo a respeito do character e dos costumes dos Guayanãs e Caingangs. Se ainda persistir alguma duvida, esta agora desvaneceu-se por completo, graças ao vocabulario do Sr. Benigno Martinez que vem publicado em seguida. Os Guayanãs aos quaes se refere este vocabulario e que Lista visitou em Villa Azara habitam o sertão do Estado do Paraná entre os rios Uruguay e Paraná e são identicos com os de que trata Azara. As pequenas differenças que se notam, explicam-se pelas modificações pelas quaes passaram estes indios no correr dos ultimos dous seculos. Uma destas modificações nos explica Benigno Martinez relativamente ao modo de enterrar os defuntos, tendo os Guayanãs acceito por algum tempo o costume de enterrar os defuntos em igaçabas.

Outra mais importante ainda é dada pelo gradual aperfeçoamento em navegação e pesca.

Ao passo que segundo Azara os Guayanãs temiam passar os grandes rios, os actuaes Guayanãs do Alto Paraná são excellentes canoeiros e muito dados á pesca. Parece que neste sentido as tribus da familia Tupi serviam de modelos e mestres aos Guayanãs e Caingangs, como já prova o facto de serem as palavras «pira» e «pary», significando peixe e cerco de peixes, acceitas na lingua Caingang, provenientes da lingua Tupi.

Brinton (American Race p. 260) reuniu os Coroados do Rio Grande do Sul com os de Espirito Santo,

Minas e Bahia. Tanto o vocabulario publicado por Hensel como os caracteres ethnologicos provam que os indios chamados Coroados do Rio Grande do Sul são apenas um grupo dos Caingangs e não devem ser confundidos com os verdadeiros Coroados que tem affinidade intima com os Puris.

Tambem não julgo correcta a observação de Brinton, referente á lingua dos Camês de S. Paulo que entende ser um dialecto corrompido dos Botocudos, ao qual foi incorporado certo numero de vocabulos africanos. Brinton ligou attenção demasiada á nota de von Martius (Wörterammlung p. 212) que julgo pouco acertada.

Deixando de lado alguns vocabulos referentes a animaes e plantas introduzidas pelos Portuguezes, o respectivo vocabulario é o typico dos Caingangs que entretanto, assimilou tambem alguns vocabulos tupis. Isto já notei com relação á palavra «pira» peixe. Martius diz que os Camês denominam peixe grande «pirem» co:uposto evidentemente de «pira» peixe e «em» grande; o mesmo augmentativo «em» já mencionei para «goio-em» rio grande, nome com o qual os Caingangs do Rio Grande do Sul designam o Rio Uruguay. A obra de Brinton, por conseguinte, na parte que se refere á ethnographia do Brazil meridional, não merece grande confiança.

Não mais feliz que Brinton foi Ehrenreich (1) na parte dedicada aos Caingangs do Brazil meridional. Os seus «Sokleng» de Santa Catharina evidentemente são os mesmos que Saint-Hilaire denominou Socré e que na literatura brasileira se acham enumerados sob o nome de Xocrens. Outra denominação usada para os indigenas de Santa Catharina é a de Uvautás, confor-

(1) Dr. P. Ehrenreich Die Enteilung und Verbreitung der Völkertämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse. Petermanns Mitteilungen 37 Bd. 1891. IV p. 81 ss. e V. p. 105 ss.

Dr. Paul Ehrenreich. Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens, vornehmlich der Staaten Matto Grosso, Goyaz und Amazonas. Braunschweig 1897.

me em carta me communicou o Dr. Oscar Castilho. Diz Ehrenreich que em S. Paulo, especialmente no valle do Paranapanema os Caingangs são denominados impropriamente. Chavantes. Ha nisto um engano, visto alli coexistirem os Chavantes com os Canigangs, como já demonstrei nesta Revista Vol. I 1895, p. 118. Chamo ainda aqui a attenção ao valioso vocabulario destes Chavantes que foi publicado por Telemaco Borba (l. c. p. 33-36) assim como ao outro publicado por Ewerton Quadros na Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro Vol. LV 1892, p. 256-259 Comparando estes vocabularios com os publicados por von Martius, verifica-se que este dialecto é completamente differente da lingua dos Chavantes do Matto Grosso, como tambem é radicalmente differente da dos Caingangs. Procurei de balde outra lingua que mostrasse afinidade com a destes Chavantes de S. Paulo, de modo que os considero como um grupo aberrante e isolado da familia dos Gês meridionaes para o qual proponho o nome de *Eochavantes* ou Chavantes Orientaes em opposição aos Chavantes do Matto Grosso.

O nome de Chavantes visa mais ao modo commum de vida nos campos do que a uma concordancia linguistica.

Ehrenreich indica como traços caracteristicos das tribus Gês a ausencia de rêdes, a pouca experiencia em navegação e o uso de tembetás ou de outros enfeites que se applicam no beijo perfurado ou nas orelhas.

Esta ultima informação não é exacta, pois o uso destes enfeites é tão commum, entre as tribus da familia Tupi como entre as da familia dos Gês. Os tembetás compridos feitos de resina que Ehrenreich (l. c. p. 116) attribue aos Caingangs são proprios ao Cayuás como é provado pelos especimens que o Museu Paulista obteve do valle do Paranapanema e pelo artigo de Ambrosetti (1) (l. c. p. 675).

(1) Los indios Caingú del Alto Paraná. Boletim del Instituto Geographico Argentino. Tomo XV. Buenos Aires 1895. p. 661—744.

Observo que tambem a opinião de Ehrenreich quanto aos caracteres distinctivos das flechas não pôde ser acceita.

As divergencias das opiniões acima expostas não mencionei por referirem-se a questões duvidosas mas apenas pelo alto apreço em que tenho os dous autores, dos quaes cada um é competentissimo na sua especialidade. Demonstra o exemplo apenas o estado de atrazo, em que ainda se acha a investigação ethnologica dos indigenas do Brazil meridional. Não tivemos desde a morte de von Martius outro sabio que tivesse vastos e profundos conhecimentos dos indigenas do Brazil e de sua cultura e historia. As obras de von Martius ainda hoje para nós são da mesma importancia para a ethnographia brasileira como as de Linné o são para o estudo systematico dos reinos animal e vegetal. O quadro desenhado por von Martius foi modificado só com referencia ás tribus do Brazil central pelas expedições de C. von den Steinen e P. Ehrenreich. O que difficulta o progresso não é a falta de material mas a de investigadores que como von Martius dominem a materia em todos os seus ramos differentes.

O que necessitamos é o trabalho synthetico. Menos rhetorica, menos generalidades, e ao contrario monographias valiosas dedicadas ás diversas tribus ou a certos ramos de sua cultura material e intellectual, reunindo o material disperso pela literatura e pelas collecções e analyzing-o por estudo critico para descobrir por meio do methodo comparativo os traços geraes caracteristicos ás diversas tribus e familias indigenas.

Resumindo as principaes conclusões a que chegamos, temos de salientar o seguinte : Desde a epoca prehistorica existiam no Brazil meridional numerosas tribus pertencentes a duas familias differentes, á los Tupis e á dos Gês. As tribus da primeira destas duas familias, que tem o craneo brachycephalo, eram representadas no seculo XVI pelos Arachanes, Tapes, Carijós, Tupinaquis, Tamcyos e Tupinambás. Os seus descendentes actuaes são geralmente denominados Guaranis e Cayuás. Per-

tencem a esta familia tambem os Arés do Estado do Paraná aos quaes diz repeito o artigo adiante publicado pelo Snr. Telemaco Borba, sendo evidentemente o vocabulario o de um dialecto Tupi ou antes Guarani.

As tribus da familia Gês, caracterizadas pelo craneo dolichocephalo, ou mesocephalo, pertencem todas á familia dos Guayanãs, cujo dominio no seculo XVI se extendia desde o Rio Grande do Sul e o Norte da Argentina atravez de São Paulo e Rio de Janeiro até o sertão da Bahia. Os seus descendentes actuaes dividem-se em dous grupos, um oriental e outro occidental.

O primeiro é formado pelos Caingangs (1) que actualmente vivem desde as Missões Argentinas e o planalto do Rio Grande do Sul até os Estados de Paraná e S. Paulo. O seu nome antigo de Guayanãs conservou-se apenas no oeste do Estado de S. Paulo, nos municipios de Itapeva, Faxina etc., sendo substituido no mais pelo de Coroados ou Bugres ou mesmo pelo de algumas tribus como de Cames no littoral de S. Paulo e de Xocrens no de Santa Catharina.

O grupo occidental é formado pelos Ingaim e pelos Guayanãs do alto Paraná na zona comprehendida entre os rios Uruguay e Paraná. As linguas destas duas tribus apresentam pouca differença entre si sendo entretanto bastante differentes do idioma dos Caingangs.

Todavia existe um parentesco geral destas linguas que nos obriga a considerar as tribus dos dous grupos como membros duma subfamilia que é a dos Gês meridionaes. O conhecimento insufficiente deste ramo dos povos Gês foi a principal causa do estado de atrazo em que até esta data ficou a investigação ethnographica do Brazil meridional em comparação com outras regiões do paiz.

São Paulo, 19 de Agosto de 1903.

(1) O nome de Caingangs foi em 1882 proposto e introduzido na literatura pelo Sr. Telemaco Borba no artigo citado.